***Justiça e Paz se abraçarão*** (Sl 85,10)

Simone Furquim Guimarães[[1]](#footnote-2)

1. **Introdução**

A Palavra de Deus nos provoca a tomar posição, a julgar os fatos, a realidade que nos cerca em todas as dimensões da vida, sobretudo na questão social. Ela é lâmpada para nossos pés e luz para nossos caminhos (Sl 119,105), enquanto membros da CJP da arquidiocese de Brasília/DF, que decidimos trilhar na busca da justiça promotora da paz. Junto com a Palavra, o Magistério, fundamento de nossa fé[[2]](#footnote-3), será o pilar que nos ajudará a construir os passos do JULGAR, sempre na perspectiva de avançar sobre a problemática que nos cerca.

Num primeiro passo, como profetas bíblicos, sempre atentos à realidade que nos cerca, vislumbramos a realidade de Brasília e Regiões Metropolitanas a partir da leitura e discussão do texto: Desafios de Brasília: uma primeira provocação[[3]](#footnote-4). Nele, descortinamos as diversas realidades e problemas encontrados no Distrito Federal e nas Regiões Metropolitanas de Brasília, sobretudo com os mais excluídos de nossa sociedade – a população em situação de rua. O Evangelho de Lucas provocou nosso compromisso com essa categoria da sociedade, mostrando que Maria, José e Jesus também foram “moradores de rua” na cidade de Belém, não recebendo acolhida em nenhuma hospedaria, ficaram em um estábulo (Lc 2,7). E Jesus quer de nós esse compromisso com os mais excluídos. Em sua vida pública, ele adverte seus/suas seguidores/ras: **“Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês não fizerem isso a um desses pequeninos, foi a mim que não o fizeram” (Mt 25,45)[[4]](#footnote-5)***.* É nesse caminho entre Vida e Bíblia, que nos sensibilizamos, percebemos e agimos para construir uma sociedade mais justa.

1. **Justiça e Paz na Bíblia**

A busca pela justiça e paz é recorrente tanto no Antigo como no Novo Testamento. Sendo que o NT recorre ao AT para reforçar suas diretrizes sobre justiça como promotora da paz. Um texto que pode ilustrar a ligação entre justiça e paz no NT é a carta atribuída ao apóstolo Tiago 3,18. Neste capítulo, o autor discorre sobre os frutos da sabedoria vinda de Deus, e termina com a solene afirmação: **“O fruto da justiça semeia-se na paz para os que constroem a paz”**. Ele se espelha no que dizia o profeta Isaías: **“O fruto da justiça será a paz. O trabalho da justiça resultará em tranquilidade e segurança permanentes” (Is 32,17)**. Os dois textos revelam justiça como a conduta humana justa como resposta à vontade de Deus, uma conduta de acordo com as exigências de Deus, que está de acordo e obedientes ao Espírito. Quem constrói a paz está semeando os frutos da justiça, no sentido de fidelidade ao projeto de Deus.

Assim como os evangelistas inspiravam-se nos profetas do Antigo Testamento para anunciar a justiça, vamos também resgatar essa prática e ler com atenção as Bem-aventuranças no Evangelho de Mateus (5,3-12), elas são como chave interpretativa de nossa realidade e de nossa missão, enquanto CJP, que está em consonância à diretriz exposta na II Conferência do CELAM[[5]](#footnote-6), em Medellín, 1968, para os membros da CJP (1,21): “A Comissão de Justiça e Paz deverá...denunciar tudo que possa lesar a justiça e colocar em perigo a paz interna e externa...”

O evangelista Mateus foi quem revelou a pessoa de Jesus como o “mestre da justiça”. Em seu livro, o principal e mais insistente ensinamento de Jesus para seus discípulos e discípulas era fazer a justiça de Deus: **“*Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça*” (Mt 6,33)**, ultrapassando a justiça dos escribas e fariseus (Mt 5,20). Dentre os cinco discursos de Jesus no Evangelho (Mateus: 5-7; 10; 13,1-52; 18; 24-25), o do centro (Mt 13,1-52) refere-se aos ensinamentos sobre o Reino da Justiça.

Logo no início da vida pública de Jesus, Mateus informa que ele foi a uma montanha e pronunciou os primeiros discursos sobre justiça. Foi no “Sermão da Montanha” que Jesus ensinou sobre as Bem-aventuranças (5,2-12) para seus/suas destinatários/ras. Interessante destacar que esses ensinamentos têm um peso de legitimação, pois Mateus coloca Jesus num cenário semelhante ao de Moisés, que transmitiu o decálogo no sopé do monte Sinai (Ex 19,25) e, antes de receber as tábuas da Lei, jejuou 40 dias (Ex 35,27-29). Assim também, Jesus fez antes de iniciar sua missão messiânica (Mt 4,1-11).

Vamos ver as Bem-aventuranças de perto sobre a justiça e a paz:

**Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus. (Mt 5,3)  
Felizes os mansos, porque herdarão da terra.(Mt 5,4)  
Felizes os aflitos, porque serão consolados. (Mt, 5,5)   
Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. (Mt, 5,6)  
Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. (Mt, 5,7)  
Felizes os puros no coração, porque verão a Deus. (Mt, 5,8)  
Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. (Mt, 5,9)  
Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. (Mt, 5,10)**

**Felizes sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. (Mt, 5,11)  
Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus; pois foi assim que perseguiram os profetas que vieram antes de vós. (Mt, 5,12)**

“Bem-aventurados/as” é o mesmo que “felizes”. Jesus promete a felicidade tanto para os que ainda não receberam a justiça, que é a realidade dos pobres, dos mansos que não têm terra, dos aflitos(v.3.4.5), mas lutam por ela com toda a força (a síntese disso é o versículo 6: fome e sede de justiça); como para os que praticam a justiça: com misericórdia, com pureza no coração e que promovem a paz (v.7.8.9). Jesus sabe que para estas pessoas haverá perseguição (conforme anunciado no verso 10).

Certamente, a comunidade de Mateus parece sentir isso na própria pele, conforme revela o verso 11: **“Bem-aventurados, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós por causa de mim”**. Mas não se pode desanimar: aconteceu a mesma coisa no passado com os profetas e a comunidade deve agir agora como eles (v.12).

O Evangelho reflete vários conflitos e perseguições: tanto pelo império romano como pelos fariseus (rabinos) que excluíam judeus-cristãos das sinagogas. Os fariseus consideravam-se “cheios de espiritualidade”. Muitos deles eram os doutores da Lei, e ensinavam que o Reino de Deus só viria como fruto da observância da Lei. Jesus não coloca este condicionamento, ele diz o contrário: **“O Reino de Deus já está chegando”** **(Mc 1,15)** **“O Reino está presente no meio de vocês”** **(Lc 17,21)**. Jesus não fica prisioneiro da obediência à Lei. Quando ele diz: **“Não pensem que eu vim abolir a Lei e os Profetas. Não vim abolir, mas dar-lhes pleno cumprimento” (Mt, 5,17)**, está afirmando que o ato de dar-lhe um pleno cumprimento equivale a, dando uma nova interpretação à mesma, modificar a maneira de empregá-la nos casos concretos do dia-a-dia. Ele mesmo adverte: **“Quero misericórdia e não sacrifício” (Mt 12,7)**. Isto está em consonância com o anunciado pelo profeta Isaías: **“O jejum que eu prefiro, acaso não e este: desatar os laços provenientes da maldade, desamarrar as correias do jugo, dar liberdade aos que estavam curvados, em suma, que despedaçais todos os jugos? Não é partilhar o teu pão com o faminto? Ainda os pobres sem abrigo, tu os albergarás; se vires alguém nu, cobri-lo-ás; diante daquele que é a tua própria carne, não te recusarás...Tua justiça caminhará diante de ti e a glória do Senhor será a tua retaguarda” (Is 58,6-9; cf. Os 6,6)**.

Para Jesus, fazer justiça é libertar os oprimidos, ajudar os necessitados, levantar os pobres. Por isso, Jesus critica a espiritualidade dos fariseus e exorta seus/suas seguidores/ras a serem “pobres no Espírito”, pois estes estãode acordo e obedientes aosmandatos divinos, já anunciados pelos profetas.

Importante esclarecer esse assunto porque, ao longo da história, acomodamo-nos ao senso comum, que interpreta “pobres no espírito” como sendo aqueles que são socialmente ricos ou pobres, e que são desapegados dos bens materiais. A questão residiria então no interior da pessoa, no seu coração; inclusive existem Bíblias que traduzem “felizes os que têm coração de pobre...”. No entanto, não parece ser disso que Jesus se refere. No evangelho, todas as vezes que se menciona a palavra “Espírito” é para falar de Espírito de Deus ou espíritos maus. Para se referir ao interior das pessoas, as palavras são outras (Mt 5,8). A partir disso dá para dizer que o evangelho com certeza não está querendo desviar a atenção da pobreza material para a espiritual, como tantas vezes se tem dito por aí. A leitura mais atenta é um esforço necessário para deslegitimar a condição social de pobreza, como argumento para manter o *status quo* e resignar os socialmente pobres em sua condição miserável e indigna. Isso não é da vontade de Deus (Dt 15,4). O desejo do Pai é que todos tenham vida, e vida em abundância (Jo 10,10).

Ressalta-se que nas Bem-aventuranças no evangelho de Mateus os pobres no Espírito (v.3) e os perseguidos por causa da justiça (v.10) recebem a mesma promessa: deles “**é** *o Reino dos Céus”*. O tempo verbal não está no futuro e sim no presente: o Reino dos Céus não será dos perseguidos (Mt 5,10), o Reino **é** dos perseguidos. O Reino dos Céus **é** dos pobres no espírito (Mt 5,3). O Reino já está presente neles, desde agora. Pois, para Jesus, haverá justiça quando os mansos possuírem suas terras, quando os aflitos forem consolados e os que têm fome e sede de justiça sejam saciados. Ele sabe quem são os que promovem justiça, por isso, garante-lhes o Reino dos Céus e pede para terem misericórdia e coração puro e, para lutarem pela paz.

Essa é a chave de leitura que nos move a tomar posição, julgar nossa realidade e agir conforme os mandatos divinos.

Mateus está se dirigindo aos que perderam as terras para o império Romano. Em seu texto, Melilo Nascimento mostra a expulsão cada vez mais violenta de pessoas do DF para as periferias e regiões Metropolitanas, devido à força brutal do mercado imobiliário de Brasília e do custo de vida, que elevam o preço dos imóveis, dos tributos, alimentos, transporte, saúde etc, acima do orçamento de uma família das classes trabalhadoras. Os números mais chocantes são dos que não têm casas, dos sem teto.

A construção de Brasília pode também ser compreendida pela ótica da apropriação da terra ou mediante a imagem utilizada por Gilberto Freire, no Clássico “Casa Grande e Senzala”, em que, no centro (casa grande) têm-se lotes espaçosos, apartamentos sofisticados, cidades arborizadas e planejadas com níveis excepcionais de qualidade de vida. Como parte da mesma estrutura social, está a periferia (senzala), onde encontramos a maior favela do país (Sol Nascente), com seus barracos, esgotos à céu aberto, carência de infra-estrutura e quase esquecida pelo poder público.

Aqui ilustramos apenas uma parcela da sociedade que sofre injustiça social. São esses por quem Jesus faz opção, prometendo-lhes o Reino dos Céus. O Magistério é sensível aos sinais de Deus e reconhece a defesa e opção evangélica pelos pobres. Em documento recente, os bispos latino-americanos exortam: **“a opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres” (Cf Aparecida, 398)** e **“De nossa fé em Cristo brota também a solidariedade como atitude permanente de encontro, fraternidade e serviço, que se há de manifestar em opções e gestos visíveis, principalmente na defesa da vida e dos direitos dos mais vulneráveis e excluídos, e no permanente acompanhamento de seus esforços por serem sujeitos de mudança e de transformação de sua situação” (Cf Aparecida, 394)**.

**“Bem-aventurados os misericordiosos, os puros de coração, os que promovem a paz”**. Construir a paz é a missão dos discípulos e das discípulas de Jesus (Mt 10,13; Lc 10,5). O Reino de Deus, pregado e realizado por Jesus e continuado pelas comunidades animadas pelo Espírito, manifesta-se na paz (Lc 1,79; 2,14). Para isso tem que ser misericordioso/a, **“Misericórdia eu quero e não sacrifícios”**, (Mt 9,13; Os 6,6); ter coração puro (Sl 24,4; Mt 5,8).

Os primeiros cristãos souberam entender a mensagem de Cristo, anunciavam a Paz de Jesus, que é entendida diversamente à paz anunciada pelo mundo, representado pelo império romano. O evangelista João coloca frente a frente a paz da repressão, da coerção, da violência proposta pelo império, de um lado, e, de outro, a paz cujo fundamento está no amor, no cuidado com a vida, com o/a outro/a: **“Deixo-vos a paz, minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se perturbe nem se intimide vosso coração” (Jo 14,27)**.

A Paz de Jesus tem o sentido do “Shalom” (em hebraico). É uma palavra muito rica, significa integridade da pessoa diante de Deus e dos outros. Significa também uma vida plena, feliz, abundante (Jo 10,10). Mas a proposta da paz trazida por Jesus também é sinal de “espada” (Mt 10,34), ou seja, perseguições para as comunidades. Para nós, indica a perseverança diante das tribulações promovidas pelo mundo, pois o que mais faz falta é a paz: refazer os pedaços da vida, reconstruir as relações quebradas entre as pessoas. É preciso confiar, lutar, trabalhar, perseverar no Espírito para que um dia a paz de Deus triunfe. Neste dia **“amor e verdade se encontrarão, justiça e paz de abraçarão” (Sl 85,11)**.

Passo agora a contribuição conjunta de Frei Carlos Mesters o.C e Francisco Orofino[[6]](#footnote-7):

A bem-aventurança dos que promovem a paz recebe como prêmio o título mais bonito que se possa imaginar: “Serão chamados filhos e filhas de Deus!”. Isto significa que a luta pela construção da Paz é a atividade que mais nos identifica com Jesus, o Filho de Deus por excelência. Toda esta sua experiência como construtor da Paz, Jesus a formulou quando disse: ***“Bem-aventurados os construtores da paz, porque serão chamados filhos de Deus”.***

1. **A solicitude da igreja com os que sofrem[[7]](#footnote-8)**

A Igreja, sensível aos sinais de Deus, soube ser solícita à questão social, deu passos decisivos e legitimidade no Magistério com o Papa Leão XIII, que consagrou uma rica estrada construída em mais de 100 anos de Doutrina Social da Igreja.

Durante esse tempo, inaugurado com a encíclica Rerum Novarum, foi-nos oferecido pistas de como promover a justiça e a paz. A chamada questão social tornou-se, desde então, presente nos pronunciamentos de diversos documentos pontifícios. Mas foi no Concilio Vaticano II que projetou de maneira mais clara os compromissos da Igreja com os gritos que nascem do mundo dos excluídos.

No Concílio, as portas e janelas da igreja foram “escancaradas” para ouvir os gritos, consolar os aflitos e despertar a esperança dos sem esperança. No mundo inteiro floresceram inúmeras iniciativas de cristãos e cristãs que romperam as barreiras que separavam o imanente do transcendente, entendendo a atuação na afirmação dos direitos humanos não como algo marginal, mas constitutivo e próprio da fé cristã.

A Constituição Pastoral Gaudium et Spes, sobre a Igreja no mundo, tem uma introdução que poderia ser também conhecida como uma declaração de amor à humanidade, pois encontra-se nela a frase lapidar: “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo..... são também da Igreja”. Em outro momento, o documento enfatiza que “o gênero humano encontra-se hoje em uma nova fase de sua história, na qual mudanças profundas e rápidas estendem-se progressivamente ao universo inteiro”. Hoje, somos chamados a revisitar esse texto com um olhar fixo nas realidades que nos desafiam, prontos a encontrar novas respostas para as desigualdades entre ricos e pobres que configuram a nossa capital.

Outro documento basilar, porém, pouco conhecido da rica tradição do magistério social é o Justiça no Mundo, fruto do Sínodo dos Bispos realizado em 1971. Este texto reflete bem a insistente solicitude da igreja em se aprofundar numa contribuição especificamente cristã para a resolução dos problemas sociais, com uma consciência evangélica de sua missão. Nele, encontra-se a afirmação inequívoca de que a justiça no mundo tem uma motivação de caráter também espiritual. Isso fica exposto na declaração de que um mundo que promove a injustiça não é o que Deus deseja. Pois o Criador não está alheio ao mundo dos humanos. “A ação em favor da justiça e da transformação do mundo mostra-se claramente a nós como uma dimensão constitutiva da pregação do evangelho, ou seja, da missão da igreja para a redenção do gênero humano e da libertação de toda situação opressiva” (JM).

Na esteira dessa mística, os bispos latino-americanos mostraram grande sensibilidade com seus povos, muitos com os rostos desfigurados pela opressão e exclusão social. Muito bem identificados pelos nossos pastores, lembremo-nos para ilustrar o que disseram em Puebla[[8]](#footnote-9): “Esta situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor, que nos questiona e interpela: feições de crianças golpeadas pela pobreza; jovens desorientados por não encontrarem seu lugar na sociedade, marginalizados, por falta de oportunidades de capacitação e ocupação; camponeses relegados e sem terra, submetidos a sistemas que os enganam e os exploram; operários mal remunerados, impedidos de se organizarem e defenderem seus direitos; desempregados, submetidos a meros cálculos econômicos e peças desgastadas; idosos, frequentemente postos á margem da sociedade, que deles prescindem pois não ‘produzem’”.

Tempos depois, em Santo Domingo, em 1992, os bispos sublinharam o terrível sofrimento assinalado em Puebla pela fome, aterrorizados pela violência, envelhecidos por condições de vida infra-humana, angustiados, nos desafiando a descobrir o próprio Rosto do Senhor nas faces sofridas dos irmãos (Doc. Santo Domingo).

O texto acima nos guia para nos colocar vigilantes aos clamores que brotam de tanto sofrimento e nos interpela como cristãos a agir. Os promotores da justiça e da paz encontram uma fonte fecunda de onde brotam inspirações para o agir cristão em um campo carente de nossa presença, visto que nem sempre em nossas comunidades, pastorais e movimentos estão atentos à dimensão da justiça e da paz. Isto não quer dizer se tratarem de pessoas e grupos insensíveis ao drama humano, muito pelo contrário. Individualmente, são capazes de gestos generosos participando de inúmeras entidades da sociedade civil e política. Mas o fazem em decorrência de uma ética social humanista, sem uma oportuna articulação entre a fé e o compromisso social.

Por isso, a CJP, diferentemente, pode e deve se colocar como sentinela das vicissitudes sociais, buscando inspiração na riqueza da espiritualidade cristã, direcionando-a às “periferias existenciais”, na feliz expressão do Papa Francisco, invés de ficar preso à dinâmica estritamente eclesial.

Para CJP, o lugar privilegiado de sua ação é o “mundo” (Brasília), mas jamais perdendo o horizonte de sua identidade eclesial. Numa difícil dinâmica de estar no eclesial (alimento, combustível, oxigênio) e simultaneamente, como expressão eclesial, nas sofridas e desafiantes realidades do mundo da política e da sociedade civil.

Aliás, o Papa Francisco reiteradas vezes tem acentuado o quão imperioso é esta presença. Parafraseando-o, quem sabe a CJP precisa sair da “sacristia”, ainda que sair possa significar sofrer as mesmas consequências que qualquer pessoa que saia à rua. Entretanto, poderemos ter a doce e confortante alegria de ser fermento de uma Brasília justa e solidária.

1. **Conclusão**

À guisa de conclusão, mesmo correndo risco de uma leitura reducionista da realidade de Brasília, gostaria de recordar a parábola do “mau rico e o pobre Lázaro” (Lc 16, 1-31) que nos faz ver o abismo social que separa a existência de vida entre o rico e o pobre (Lázaro), que é o principal contraste de Brasília.

A parábola torna explícita os dois extremos da sociedade. De um lado, a riqueza agressiva. Do outro, o pobre sem recursos, sem direitos, coberto de úlceras, impuro, sem ninguém que o acolhe, a não ser os cachorros que lambem suas feridas. O que separa os dois é a porta fechada da casa do rico. A beleza do texto é que até o nome dos personagens tem um significado. Isto quer dizer que o nome do pobre é *Lázaro*, é: “*Deus ajuda*”. Deus vem até nós na pessoa do pobre, sentado à nossa porta, para nos ajudar a transpor o abismo intransponível que os ricos criaram.

Por isso é importante reconhecermos que, nós, CJP, enquanto organismo eclesial, agindo na transformação da sociedade, somos instrumentos para o “empoderamento” dessa categoria social, como exortava Dom Helder Câmara “Pelo Amor que tenho aos ricos - a quem não devo julgar a quem não posso julgar e que custaram o sangue de Cristo - eu te peço, Lázaro, não fiques nas escadas e não te deixes enxotar…Irrompe banquete adentro. Vai provocar náuseas nos saciados convivas. Vai levar-lhes a face desfigurada de Cristo de que tanto precisam sem saber e sem crer…

1. Professora de teologia, linha bíblica, no ISB (Instituto São Boaventura) e assessora do CEBI (Centro de Estudos Bíblicos). [↑](#footnote-ref-2)
2. Os três pilares da fé católica são: Bíblia, Tradição e Magistério. Neste texto, limitei-me a apenas dois, podendo ser enriquecido posteriormente com os notáveis pensamentos dos santos padres da Tradição. [↑](#footnote-ref-3)
3. Texto produzido por Melilo Diniz Nascimento, membro da CJP de Brasília. [↑](#footnote-ref-4)
4. Todas as citações bíblicas são provenientes da seguinte tradução: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003. [↑](#footnote-ref-5)
5. O Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) é um organismo da [Igreja Católica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Cat%C3%B3lica) fundado em [1955](http://pt.wikipedia.org/wiki/1955) pelo [Papa Pio XII](http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Pio_XII) a pedido dos [bispos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bispo) da [América Latina](http://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9rica_Latina) e do [Caribe](http://pt.wikipedia.org/wiki/Caribe). A Conferência em Medellín foi convocada pelo [Papa Paulo VI](http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Paulo_VI) para aplicar os ensinamentos do [Concílio Vaticano II](http://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlio_Vaticano_II) às necessidades da Igreja presente na [América Latina](http://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9rica_Latina). [↑](#footnote-ref-6)
6. Pensamento extraído do texto-base para o 13º Intereclesial de CEB´s – Justiça e Profecia a Serviço da Vida. Diocese de Crato/CE, pag. 142. [↑](#footnote-ref-7)
7. Neste item, passo a discorrer sobre alguns documentos da Igreja que nos darão suporte esclarecedor de nossa missão e que estão em consonância com a mensagem bíblica. Em se tratando de documentos do Magistério, existe uma infinidade de riquíssimo valor, porém, por limitação própria, detive-me a apenas alguns, conforme exposto. [↑](#footnote-ref-8)
8. Documento de Puebla nºs 31 a 39. [↑](#footnote-ref-9)